

## PRODUÇÃO SIMBÓLICA DOS *BRASILEIROS DE TORMA-VIAGEM* ATRAVÉS DO PATRIMÔNIO EDIFICADO: O CASO DE SOUZA SOARES

MÔNICA LUCAS LEAL DE MACEDO<sup>1</sup>; LARISSA PATRON CHAVES<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Doutoranda do PPG em História, da Universidade Federal de Pelotas-UFPel – monica.macedo.ni@gmail.com

<sup>2</sup>Docente orientadora do PPG em História, da Universidade Federal de Pelotas-UFPel – larissapatron@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho discorre sobre alguns aspectos da pesquisa para a futura tese da autora, intitulada “*Brasileiros de torna-viagem*: as referências identitárias do Visconde de Souza Soares através de sua representação nas cidades de Pelotas e do Porto/ Portugal. (1862- 1907)”. O recorte apresentado contempla a temática das representações dos sujeitos entre mundos, especificamente, o caso dos *brasileiros de torna-viagem*<sup>1</sup> – referente a parcela da imigração portuguesa, que depois de algum tempo<sup>2</sup>, retornou para as localidades de origem em condição de riqueza.

Em destaque está a figura do Visconde de Souza Soares – um típico *torna-viagem* que fez sua fama e fortuna, através da produção e comercialização de medicamentos homeopáticos, na cidade de Pelotas, durante a segunda metade do século XIX. Foram muitas as suas contribuições sociais, tanto em Pelotas quanto na cidade do Porto, e Vila Meã/ Portugal. Sua figura pública alcançou tamanha visibilidade que, em 1904, foi agraciado pela Coroa Portuguesa, com o título nobiliárquico – símbolo maior da representação social do sujeito retornado.

O escopo da pesquisa está em identificar os artifícios de representação usados por este grupo socialmente distinto, especialmente, os ligados diretamente à imagem de Souza Soares.

Para este trabalho são discutidos alguns autores de temática pertinente ao recorte apresentado.

A questão dos *brasileiros de torna-viagem* vem sendo investigada por diversos autores portugueses, como: MACHADO (2005), que trata em especial dos “entrecruzamentos culturais” entre brasileiros, *brasileiros de torna-viagem*, e portugueses; ALVES (1993; 1994), que fala sobre como os imigrantes retornados se posicionaram hierarquicamente na sociedade portuguesa da época. O autor também contempla os retornados que não alcançaram o mesmo status de um *brasileiro*; COIMBRA (1997), que enfoca a produção arquitetônica dos *torna-*

---

<sup>1</sup> Esse grupo, socialmente distinto, fez sua trajetória de vinda para o Brasil e retorno à Portugal, especialmente, durante a segunda metade do século XIX e início do XX. A imigração tinha como propósito a busca por melhores condições de vida. O Brasil se fazia um lugar próspero, com atrativos exóticos e oportunidades de trabalho junto a burguesia em ascensão. Os imigrantes alcançaram rapidamente boas condições financeiras que lhes renderam enlaces matrimoniais, que por vezes, funcionaram como alavanca social. Quando de seu regresso às localidades de origem, em nova situação econômica, esbanjaram sua prosperidade e ganharam notoriedade fazendo-se homens públicos. (MACHADO, 2005)

<sup>2</sup> Em geral, os que retornavam ricos passavam cerca de 20 anos na emigração para juntar um capital que os fizesse influentes no regresso. A idade média de retorno era de 42 anos. (ibid)



*viagem*, especialmente, enquanto patrimônio cultural na contemporaneidade; entre outros.

Para falar sobre representação, especialmente da representação dada por símbolos imagéticos, este recorte temático, aqui apresentado, recorre aos autores: POUTIGNAT; STREIFF-FENART (2011); DEBRAY (2002). O autor ELIAS (2001) trata das relações hierárquicas na sociedade de corte, da qual recorrem muitos dos arranjos sociais de hoje, atestado pelas características formais das casas residenciais; e BOURDIEU (1989), que fala da produção simbólica das classes hierarquicamente superiores. Além de REIS (2014) que trata da trajetória da família de Souza Soares – origem e aspectos culturais.

## 2. METODOLOGIA

A investigação recorre à pesquisa bibliográfica, a partir de autores já citados, além das análises em fontes documentais primárias<sup>3</sup>.

Paralelamente às leituras, o material documental está sendo selecionado e catalogado.

A coleta de dados prevê também visitação a repartições públicas que contém acervo documental sobre Souza Soares e/ou seus empreendimentos da cidade de Pelotas. Também é prevista a investigação na Cidade do Porto/ Portugal, nos arquivos distritais: Biblioteca do Tombo; Ministério das Relações Estrangeiras; Cartas Consulares, como nas fontes documentais, em especial sobre os anos 1880 a 1907.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram muitos os recursos utilizados pelos bem sucedidos retornados a Portugal, em prol da representação, como: os novos hábitos, o linguajar, as vestimentas, sobretudo, destacam-se a produção arquitetônica dos *brasileiros*. Essa última foi a responsável por alterara paisagem do norte do país na segunda metade dos oitocentos. (MACHADO, 2005)

O trabalho se debruça sobre estes aparatos simbólicos – as casas de *brasileiros*.

Conforme Coimbra (1997, s/n) as construções apalaçadas dos *torna-viagem* foram “o verdadeiro estandarte da ostentação”, e uma “representação simbólica deles mesmos”.

Tais edifícios possuíam todo tipo de simbologia que referenciava o Brasil. Adotaram os avarandados<sup>4</sup>, passaram a exibir palmeiras em seus jardins, e as fachadas azulejadas usavam a paleta de cores alusivas à Bandeira Nacional Brasileira<sup>5</sup>. (MACHADO, 2005)

<sup>3</sup> Essas fontes estão cedidas para a pesquisa, e fazem parte do acervo de Leonor Souza Soares, bisneta do Visconde de Souza Soares. E compreendem a: atas da escola, material publicitário do Parque Pelotense, Almanaques da empresa, rótulos dos produtos homeopáticos, recortes de jornal, cartas de familiares entre Brasil e Portugal, fotografias, testamentos, etc.

<sup>4</sup> Segundo LEMOS (1979), as varandas e os alpendres foram recursos arquitetônicos que as construções brasileiras começaram a lançar mão, ainda no período colonial, para fazer sombra a fim de refrescar o interior das casas assoladas pelo calor dos trópicos.

<sup>5</sup> As fachadas azulejadas, impreterivelmente eram compostas nas tonalidades do verde, do amarelo e do azul, “distinguindo o que foi uma casa de brasileiro”. (MACHADO, 2005. p. 55)



Para Elias (2001), já desde o *Ancien Régime* que as casas residenciais serviam para que cada individuo soubesse e expusesse o seu lugar na sociedade. A “hierarquia social” atestada pela “hierarquia das casas”.

Conforme Bourdieu (1989, p. 14) “a classe hierarquicamente superior tenta impor e legitimar a sua dominação por meio de sua produção simbólica”.

É com base nessa produção simbólica que o trabalho busca identificar os muitos signos de representação.

No vai e vem dos “entrecruzamentos culturais” (MACHADO, 2005) entre Brasil e Portugal, as edificações ganharam destaque por promover, tanto para os imigrantes em sua terra de adoção quanto para os retornados à terra natal, um dos maiores – se não o maior – símbolo de representação social. A isso se acrescente a particularidade de que Portugal não sofreu influência direta da França, por mais próxima que estivesse geograficamente. Mas foram os imigrantes retornados do Brasil que conceberam as mudanças na paisagem lusitana, levando consigo a *arquitetura de brasileiros*, que nada mais era do que a arquitetura europeia, especialmente francesa, imitada largamente nas cidades brasileiras.

Portugal, sobretudo a região minhota, foi assim marcada a partir do segundo quartel dos oitocentos, pelas imponentes obras de arquitetura dos *brasileiros de torna-viagens* – as casas *brasileiras*. (COIMBRA, 1997) (MACHADO, 2005)

Em Pelotas, os barões do charque marcavam o centro da cidade com seus palacetes ao gosto eclético. (GUTIERREZ, 1993) (SANTOS, 2014)

Nesse contexto, de meados do século XIX, despontavam as realizações do imigrante, já bem sucedido, José Álvares de Souza Soares.

Foram muitos os seus empreendimentos em ambos os lados do Atlântico. Todos concorrendo para a formação da sua figura pública.

De toda a produção simbólica de Souza Soares, que geraram muitas contribuições culturais e econômicas para a cidade de Pelotas, o Parque Pelotense foi a mais significativa. Com um sumptuoso conjunto arquitetônico, a extensa área verde contava com fábrica e laboratório dos medicamentos homeopáticos, gráfica, restaurante, capela, escola além da residência para família. Um empreendimento audacioso que marcou a sociedade pelotense da época, recebendo, inclusive a visita da monarquia portuguesa, na figura da Princesa Isabel<sup>6</sup>.

Quando retornado à Portugal, Souza Soares envolveu-se na vida pública, foi benemérito, fundou o jornal monárquico “O Porto”, abriu a própria farmácia<sup>7</sup>. Em relação ao patrimônio edificado, adquiriu uma casa imponente ao gosto brasileiro na cidade do Porto, onde projetou o próprio jardim botânico para o cultivo das plantas medicinais, que eram enviadas à fábrica do Parque pelotense no Brasil, para serem manipuladas. As fórmulas homeopáticas prontas eram reenviadas a Portugal, a fim de serem comercializadas na farmácia Souza Soares. O empreendedorismo do sujeito favoreceu transações comerciais entre os dois países.

Já com ao título de Visconde, Souza Soares ergueu, em Vila Mea, terra natal de sua mãe e de sua segunda esposa, a casa mais sumuosa de todas as suas

<sup>6</sup> Por muitas razões ainda em análises e na qualidade de hipóteses, o complexo arquitetônico se desfez, nada restando de edificado, nem mesmo ruínas. Restam apenas todo tipo de documentos que os descendentes da família puderam guardar, como atas da escola, fotografias, cartas, registros, material publicitário, rótulos dos produtos homeopáticos, testamentos, recortes de jornais, etc.

<sup>7</sup> A Farmácia Souza Soares encontra-se ainda em funcionamento, e sob a mesma denominação comercial, embora não esteja mais sob a tutela da família.



residências. Tal edifício entrou para a história como a casa da Viscondessa, e encontra-se em obras de restauro sob a salvaguarda do tombamento português.

#### 4. CONCLUSÕES

A partir das análises dos documentos de parte do acervo, que constituem as fontes primárias de consulta, e com o embasamento teórico que oferece coerência entre questionamentos e hipóteses, é possível identificar que os aparatos simbólicos utilizados pelos *torna-viagens* configuraram verdadeiras pontes culturais, que interligaram os sujeitos com projeções sociais tanto no Brasil, quanto em Portugal, durante a segunda metade dos oitocentos.

Souza Soares é identificado como um *brasileiro de torna-viagem* – um reconhecimento natural em Portugal, mas praticamente, desconhecido no Brasil.

A visibilidade da representação social é atestada também pela produção arquitetônica do sujeito, quer enquanto imigrante empreendedor, ou como retornado bem sucedido. Ainda que tal produção esteja preservada sob tombamento em Portugal, e não tenha sido preservada no Brasil.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

##### Livro

- ALVES, Jorge Fernandes. **Os brasileiros. Emigração e retorno no Porto oitocentista.** Porto: Faculdade de Letras UP, 1993.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico.** Lisboa: Difel, 1989.
- COIMBRA, Artur Ferreira. **Fafe – A terra e a memória.** Fafe: Edição Câmara Municipal de Fafe, 1997.
- DEBRAY, Regis. *Vida y Muerte de la Imagen*. Barcelona: Paidós, 2002.
- ELIAS, Norbert. **A sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte.** Tradução Pedro Sussekkind. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- GUTIERREZ, Ester J. B. **Negros, charqueadas & olarias:** um estudo sobre o espaço pelotense. Porto Alegre: Ed. UFPel/Livraria Mundial, 1993.
- LEMOS, Carlos. **Cozinhas e etc.** São Paulo: Perspectiva, 1978.
- POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade:** seguidos de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. São Paulo: Ed. Unesp, 2011.
- REIS, Carmen Souza Soares. **Souza Soares:** a saga de uma família portuguesa no Brasil. Porto Alegre: Ed. do Autor, 2014.
- SANTOS, Carlos Alberto Ávila. **Ecletismo em Pelotas. 1870-1931.** Pelotas: Editora Universitária. UFPel, 2014.

##### Artigo

- MACHADO, Igor José de Renó. **O “brasileiro de torna-viagens” e o lugar do Brasil em Portugal.** Estudos Históricos. Rio de Janeiro: Nº 35, p. 47-67, jan/jun, 2005.